

“QUANDO ME CHAMARAM PARA REGER AQUELA ORQUESTRA, EU ESTAVA ME TREMENDO TODA”: MULTILETRAMENTO MUSICAL NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

**“WHEN THEY ASKED ME TO CONDUCT THAT ORCHESTRA, I WAS SHAKING ALL OVER”:
MUSICAL MULTILITERACY IN THE
1st YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL**

**“CUANDO ME LLAMARON PARA DIRIGIR AQUELLA ORQUESTA, ESTABA TEMBLANDO COMPLETA”: MULTI ALFABETIZACIÓN MUSICAL EN EL
1.er AÑO DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA**

Luciana da Silva Santos Oliveira¹

Felipe Carvalho²

Código DOI

Resumo

Este artigo investiga quais sentidos os multiletramentos podem assumir no processo de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental quando mediados pela educação musical. A pesquisa foi realizada em 2023, em uma turma de 1º ano da Escola Municipal Professor Paulo de Almeida Campos, em Niterói-RJ. O objetivo foi compreender como os multiletramentos podem potencializar a alfabetização, promovendo múltiplas linguagens, práticas dialógicas e vínculos com o cotidiano sociocultural dos estudantes. Como fundamentos, adotamos os multiletramentos e a pesquisa com a experiência, utilizando conversas com os estudantes, produções textuais e artísticas, além de registros fotográficos e audiovisuais. Os resultados indicam que a experiência rompeu com práticas transmissivas, favorecendo autoria, escuta ativa e protagonismo infantil. Concluímos que os multiletramentos mediados pela música fortalecem processos formativos e constituem um caminho promissor para formar sujeitos críticos, criativos e participativos.

Palavras-chave: Alfabetização. Multiletramentos. Multiletramento Musical. Música. Ensino Fundamental.

Abstract

This article investigates the meanings that multiliteracies can assume in the literacy process of first-grade students when mediated by music education. The research was conducted in 2023 in a first-grade classroom at Escola Municipal Professor Paulo de Almeida Campos, in Niterói, Brazil. The objective was to

¹ Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, Brasil. Email: prof.luciana.ss oliveira@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-9878-893X>

² Universidade Estácio de Sá / Afya-Unigranrio, Rio de Janeiro, Brasil. Email: felipesilvaponte@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7398-6171>

understand how multiliteracies may enhance literacy by promoting multiple modes of expression, dialogical pedagogical practices, and connections with students' sociocultural realities. The study is grounded in the epistemology of practices and experience-based research, drawing on conversations with students, written and artistic productions, and photographic and audiovisual records. The findings indicate that the experience disrupted transmissive and decontextualized approaches, fostering authorship, active listening, and children's protagonism. We conclude that multiliteracies mediated through music strengthen formative processes and represent a promising path for fostering critical, creative, and participatory learners.

Keywords: Literacy. Multiliteracies. Musical multiliteracy. Music. Elementary school.

Resumen

Este artículo investiga los sentidos que los multialfabetismos pueden asumir en el proceso de alfabetización del primer año de la educación primaria cuando están mediados por la educación musical. La investigación se realizó en 2023 con una clase de primer año en la Escuela Municipal Profesor Paulo de Almeida Campos, en Niterói, Brasil. El objetivo fue comprender cómo los multialfabetismos pueden potenciar la alfabetización, promoviendo múltiples lenguajes, prácticas pedagógicas dialógicas y vínculos con la realidad sociocultural de los estudiantes. Como fundamentos, se adoptaron la epistemología de las prácticas y la investigación con la experiencia, utilizando conversaciones con los estudiantes, producciones textuales y artísticas, así como registros fotográficos y audiovisuales. Los resultados indican que la experiencia rompió con prácticas transmisivas y descontextualizadas, favoreciendo la autoría, la escucha activa y el protagonismo infantil. Concluimos que los multialfabetismos mediados por la música fortalecen los procesos formativos y constituyen un camino prometedor para formar sujetos críticos, creativos y participativos.

Palabras clave: Alfabetización. Multialfabetismos. Multialfabetización musical. Música. Educación primaria.

Introdução: música e multiletramentos

Inserir a música no cotidiano escolar é reconhecer formas alternativas de aprender e ensinar, que envolvem o sensível, o lúdico, o estético, a afetividade, o olhar estético, o relacional e o cultural. Trata-se de uma proposta que rompe com a lógica da transmissão unilateral de conteúdos e do ensino fragmentado e racionalista e que convida educadores e estudantes a viverem o conhecimento de maneira mais viva, plural e sensível (Oliveira, 2025). Além disso, a música pode estimular habilidades como memorização, raciocínio lógico, categorização, atenção e percepção espacial, revelando seu potencial como aliada no desenvolvimento das capacidades mentais, cognitivas e afetivas. Mais do que um recurso lúdico, ela é uma linguagem complexa, sensível e estruturante, que permite às crianças expressarem-se, comunicarem-se e compreenderem o mundo em sua diversidade.

Sob essa ótica, a musicalização pode ser compreendida como uma prática de letramento ampliado, na qual os estudantes são convidados a interpretar, ressignificar e produzir sentidos por meio de múltiplas linguagens. No ponto de vista de Correia (2010, p. 135), “a linguagem, principalmente textual da qual a sociedade contemporânea se utiliza, pode ser potencializada por meio da utilização da linguagem musical”. A música pode enriquecer o repertório expressivo dos alunos, ao mesmo tempo em que os coloca como sujeitos ativos e criativos em seus processos de aprendizagem, capazes de transitar entre diferentes códigos, discursos e culturas. Com base nessas ideias, Correia (2010) nos estimula a repensar o lugar da música na escola: ela não deve ser vista apenas como um complemento ou um momento de descontração, mas como uma linguagem fundamental para a aprendizagem, especialmente nos primeiros anos escolares, quando o corpo, a voz, os gestos e os sons ainda são os principais meios de expressão e compreensão do mundo pelas crianças.

Ao criar pontes entre diferentes formas de conhecimento e expressão, a música estimula uma escuta crítica e sensível da realidade, promovendo o reconhecimento das identidades, diferenças, narrativas e práticas culturais dos estudantes. Como linguagem simbólica e estética, ela também dialoga com o corpo e o imaginário, abrindo espaço para práticas didático-pedagógicas criativas, inclusivas e significativas. A música na escola não deve ser tratada como um conteúdo periférico ou técnico, mas como uma experiência formativa integral, capaz de atravessar e enriquecer o currículo como um todo. Ao articular sons, gestos, imagens e emoções com saberes culturais, a música funciona como uma linguagem multimodal e se alinha diretamente à pedagogia dos multiletramentos, que reconhece e valoriza a multiplicidade de modos de significação presentes na sociedade contemporânea.

O conceito de multiletramentos foi desenvolvido na década de 1990 por um grupo de pesquisadores reunidos em Nova Londres, que passou a questionar as abordagens tradicionais de leitura e escrita. Esse grupo reconheceu a necessidade de ampliar tais práticas por meio de uma pedagogia que contemplasse as múltiplas formas de comunicação e construção de sentidos no presente (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020). Demonstrava preocupação com a crescente diversidade cultural das populações urbanas em grandes centros da Europa e dos Estados Unidos. As investigações conduzidas por esses estudiosos evidenciaram que “já não basta mais o letramento da letra: é preciso também ler e traduzir imagens e sons, articular imagens em movimento, etc., porque assim são os textos contemporâneos” (Rojo, apud Vicentini; Zanardi, 2015, p. 330).

A pedagogia dos multiletramentos parte do reconhecimento de que vivemos em uma sociedade marcada pela diversidade cultural e linguística, bem como por transformações significativas nas formas de comunicação e nos modos de produção e circulação da informação e do conhecimento, especialmente em tempos de inteligência artificial generativa (Pimentel; Carvalho, 2025). Nesse cenário, alfabetizar e letrar não se restringe ao domínio da escrita alfabética, mas envolve também a capacidade de construir e interpretar sentidos em múltiplas linguagens (Oliveira; Carvalho, 2024). Isso implica considerar a pluralidade cultural e semiótica dos sujeitos e promover práticas educativas que valorizem a multiplicidade de vozes, repertórios e modos de expressão. Cabe destacar que os antigos meios unidirecionais de comunicação cedem lugar a modelos mais interativos, digitais e participativos em rede. Como consequência, emergem novas formas de leitura e escrita que demandam o desenvolvimento de saberes multimodais, situando-se no centro da pedagogia dos multiletramentos.

A promoção dos multiletramentos não apenas reconhece a diversidade de linguagens presentes na sociedade em rede, como também pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo dos estudantes. Essa abordagem possibilita que compreendam e produzam significados em diferentes contextos, promovendo uma participação ativa e reflexiva nos processos de aprendizagem. Consequentemente, a concepção de que a apropriação da leitura e da escrita ocorre exclusivamente por meio da decodificação do código alfabético revela-se como um paradigma que precisa ser ampliado ou revisto.

Esta pesquisa é atravessada pelos estudos sobre multiletramentos e alfabetização discursiva, bem como por práticas que buscam desenvolver, de forma intencional, atividades que integrem jogos, música, dança e narrativas como estratégias para ampliar o repertório comunicativo das crianças para além do código alfabético. O objetivo central, portanto, é fomentar a autoria, a criatividade e a expressão das crianças, reconhecendo suas múltiplas formas de dizer, criar e significar o mundo. No interior desse movimento de reflexão-ação-reflexão, que articula teoria e prática, emergiu a pergunta norteadora desta pesquisa: quais sentidos os multiletramentos podem assumir no processo de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental quando mediados pela educação musical?

Pesquisar com a experiência

A presente pesquisa foi desenvolvida com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Paulo de Almeida Campos (EMPPAC), situada no bairro de Icaraí, em Niterói, estado do Rio de Janeiro. A escola atende prioritariamente crianças da própria região e de bairros adjacentes, com diferentes perfis socioeconômicos. Possui uma proposta político-pedagógica que reconhece a centralidade da linguagem nas práticas educativas e incentiva metodologias que favoreçam a escuta, o diálogo e a autoria das crianças.

A pesquisa foi conduzida especificamente com a turma GR1C, composta por 25 crianças com idades entre 6 e 7 anos. Trata-se de um grupo marcadamente heterogêneo, cujos integrantes apresentam distintos repertórios culturais, níveis variados de apropriação da leitura e da escrita, além de trajetórias escolares diversas, influenciadas por experiências prévias na Educação Infantil, vivenciadas em contextos socioeducacionais igualmente distintos. O acompanhamento da turma ao longo de todo o ano letivo de 2023 foi realizado pela professora-pesquisadora deste artigo, que também exercia a função de docente regente da classe. Essa dupla atuação permitiu uma imersão constante e aprofundada nas dinâmicas cotidianas da sala de aula, favorecendo a observação minuciosa das interações, das práticas pedagógicas e dos processos de aprendizagem em sua complexidade.

Optamos metodologicamente pela pesquisa com a experiência, que, conforme defende Bondía (2002), constitui uma possibilidade existencial e estética de pensar a educação e de produzir conhecimento. Tal escolha se justifica porque a experiência é entendida como aquilo que passa, acontece e toca as pessoas, deixando marcas, vestígios e efeitos, possibilitando processos de formação e transformação. Para o autor, a experiência não se reduz a um acúmulo de vivências ou recordações, mas se configura como uma travessia que envolve prova e risco.

Nesta pesquisa, relatamos experiências em atividades de Educação Musical que marcaram a docente-pesquisadora. A etapa de “Iniciação Musical” contou com o acompanhamento de um professor de Educação Musical e de um tecladista, com encontros semanais às segundas-feiras. Como proposta inicial, o professor introduziu aos estudantes o universo sonoro e visual dos instrumentos que compõem uma orquestra. As aulas ocorreram durante o turno regular, no próprio ambiente escolar, o que possibilitou integrar a musicalização ao cotidiano escolar de forma mais sistemática e contextualizada. Esse processo foi ainda mais enriquecido pelo envolvimento direto da professora-pesquisadora, que

acompanhava ativamente as atividades musicais, contribuindo para o desenvolvimento do trabalho pedagógico e fortalecendo as interconexões entre os conteúdos.

Como proposta inicial, o professor de música buscou aproximar os alunos do universo da música clássica, introduzindo os instrumentos musicais que compõem uma orquestra. A cada semana, ele trazia um banco de imagens com a ilustração de um instrumento específico. O objetivo era que as crianças observassem, identificassem, nomeassem e compartilhassem experiências anteriores relacionadas ao instrumento apresentado. Por exemplo, se já haviam visto o objeto em apresentações ao vivo, na televisão, em desenhos animados ou ouvido seu som em outros contextos. Essa abordagem favoreceu a construção de um vocabulário musical básico, ao mesmo tempo em que ativava a memória auditiva e visual das crianças, promovendo a escuta sensível e a ampliação de repertório cultural. Ao possibilitar que os alunos compartilhassem suas vivências com os instrumentos, a atividade também valorizou os saberes prévios e a diversidade de experiências do grupo, em consonância com os princípios dos multiletramentos e da educação musical inclusiva.

Durante as atividades iniciais, observamos que muitas crianças reconheciam o piano, enquanto outras identificavam instrumentos como a flauta e o saxofone, provavelmente por estarem mais presentes em contextos midiáticos e escolares. No entanto, instrumentos como o violino, o contrabaixo, o violoncelo e outros instrumentos de sopro eram, em sua maioria, desconhecidos para o grupo, revelando um repertório musical ainda restrito em relação ao universo dos instrumentos que compõe uma orquestra. Diante desse cenário, o professor organizou uma proposta sequenciada: a cada semana, passaria a apresentar o som característico de um instrumento específico, criando situações de escuta ativa e exploratória. O objetivo era possibilitar que, de forma lúdica e sensível, as crianças estabelecessem relações entre o som e a imagem do instrumento, desenvolvendo a capacidade de reconhecimento auditivo e visual, além de ampliar seu vocabulário musical e sensorial.

Essa prática favoreceu o que denominamos “educação da escuta”, um elemento central no processo de musicalização. A escuta é compreendida como uma ação que vai muito além do simples ato físico de ouvir (Chiaretti; Silva, 2021). Trata-se de uma prática ativa, criativa e reflexiva, fundamental para a formação musical e humana dos sujeitos. Nesse sentido, escutar é uma prática inventiva, pois envolve a capacidade de atribuir sentidos aos sons, imaginar possibilidades sonoras e estabelecer uma relação

poética com o mundo. Por meio dela, torna-se possível perceber nuances, reconhecer padrões, mas também se surpreender com o que é novo, inusitado ou desconhecido.

Para apreender as experiências dos estudantes no contexto das atividades de música, recorremos à conversa como dispositivo de pesquisa capaz de revelar sentidos, percepções e vivências. Por meio da conversa, “acessamos diversos modos de ser, estar, pensar, conhecer, conviver” (Carvalho, Pimentel, 2022, p. 129). Acionamos a análise do discurso (Foucault, 1987; Fischer, 2001) com o objetivo de compreender os sentidos que os alunos atribuem a essas experiências. Analisar discursos não significa buscar um “sentido oculto” por trás das palavras, nem pressupor que exista algo escondido nas entrelinhas esperando ser revelado. O que existe são os próprios enunciados e as relações que eles estabelecem. Os discursos, portanto, não devem ser entendidos como meros reflexos de uma realidade externa, mas como práticas que produzem significados, instituem verdades e regulam comportamentos.

Conversas sobre multiletramento musical

As propostas de atividade desenvolvidas pelo professor de música possibilitaram que as crianças aperfeiçoassem sua escuta, ao mesmo tempo em que exercitavam habilidades como atenção, memória auditiva, sensibilidade sonora e curiosidade estética. As atividades favoreceram também o contato com uma diversidade de timbres, formas e funções musicais, contribuindo para a ampliação do repertório cultural e expressivo do grupo. Ao final de cada atividade, era comum observar reações espontâneas por parte das crianças: surgiam perguntas curiosas, comentários entusiasmados e até tentativas de reproduzir os sons dos instrumentos com a boca ou com objetos disponíveis na sala, o que evidenciava o envolvimento afetivo e o interesse genuíno do grupo. Tais manifestações revelam a potência da música enquanto linguagem viva, capaz de atravessar o corpo, mobilizar emoções e ampliar as formas de perceber, sentir e significar o mundo no contexto escolar.

Em uma das semanas, logo após a aula de música, a professora-pesquisadora, ao circular pela sala, ouviu comentários espontâneos das crianças que revelavam percepções significativas sobre o universo de uma orquestra e o acesso à cultura musical. Algumas falas chamaram especialmente sua atenção: “Instrumento de orquestra é para rico, porque é muito caro” (Guilherme, 6 anos); “Eu nunca vi uma orquestra tocar ao vivo. Só na televisão” (Gabriela, 7 anos); “Eu já vi na quarta-feira a Amanda do 3º ano tocando violino aqui na escola, mas era com outro tio” (Benjamim, 6 anos); “Lá perto de onde eu moro só

toca violão e pandeiro” (Arthur). Esses relatos, ainda que breves, evidenciaram marcadores sociais e culturais presentes na escuta das crianças, indicando tanto a percepção de desigualdade quanto o reconhecimento de experiências musicais situadas. Ficava evidente que, para muitas delas, o universo da música orquestral era percebido como distante, elitizado ou inacessível, enquanto outras formas musicais, como as rodas de samba e o violão popular, estavam mais próximas do cotidiano.

Diante dessas colocações, a professora-pesquisadora compreendeu a importância de proporcionar uma vivência concreta com a música de concerto, de modo a ampliar os repertórios culturais das crianças e promover uma aproximação crítica e sensível com diferentes expressões artísticas. Ao buscar possibilidades acessíveis para realizar essa ação, encontrou nas redes sociais a divulgação da Mostra Cine Orquestra, um evento que ocorreria nos dias seguintes no Cine Arte UFF, a poucos quarteirões da escola.

O evento contaria com a participação da Orquestra Soundpainting “Cine Orquestra” que, além da apresentação, ofereceria uma oficina interativa com o público, permitindo que as crianças não apenas assistissem ao espetáculo, mas interagissem diretamente com os músicos, os instrumentos e a linguagem performativa da orquestra. Essa descoberta representou uma oportunidade valiosa para transformar os relatos das crianças em experiência estética viva, rompendo com a ideia de que a música de concerto é restrita a determinados grupos sociais e promovendo o acesso democrático à cultura.

Diante dessa possibilidade concreta, a professora-pesquisadora compartilhou a ideia com a turma, perguntando se gostariam de assistir a uma apresentação de orquestra ao vivo. A proposta gerou grande entusiasmo e envolvimento por parte das crianças, que demonstraram curiosidade e alegria diante da novidade. Gabriela, em especial, expressou sua empolgação com a espontaneidade e sinceridade típicas da infância: “Finalmente vou ver uma orquestra tocando pertinho de mim!”.

A partir dessa escuta atenta das crianças, a professora-pesquisadora organizou uma roda de conversa com o grupo, na qual explicou de forma acessível a origem e a proposta da Orquestra Soundpainting, contextualizou o local do evento – o Cine Arte UFF – e ressaltou que, além da apresentação, haveria uma oficina interativa, onde as crianças poderiam participar ativamente da construção musical. A conversa também foi uma oportunidade para preparar o grupo para a saída pedagógica, por meio da construção coletiva dos combinados de convivência e segurança.

Figura 1 – Registro da chegada ao Cine Arte UFF: foto em frente à fachada do prédio



Fonte: 1º Autora (2023)

Ao entrarem no teatro, os estudantes demonstravam olhares de encantamento e curiosidade. A novidade do espaço mobilizou diferentes percepções sensoriais e afetivas, como expressou Arthur, ao comentar espontaneamente: “É a primeira vez que eu entro num teatro... e o cheiro é bom!”. Seu relato evidencia como o contato com um ambiente cultural pode despertar sensações inéditas e marcantes, muitas vezes invisibilizadas nos relatos escolares convencionais.

No palco, alguns instrumentos já estavam dispostos, o que imediatamente ativou a memória musical construída nas aulas. As crianças observavam atentamente, tentavam nomear os instrumentos que reconheciam e, diante de elementos desconhecidos, recorriam à professora-pesquisadora com perguntas como: “Professora, como é o nome daquele?” ou “Esse faz som grosso ou fino?”. Essa inquietação/curiosidade revelava não apenas o engajamento das crianças com a atividade, mas também a ativação de saberes prévios e o desejo genuíno de ampliar o conhecimento e o multiletramento musical. A situação mostrou a potência do ambiente cultural como um espaço vivo de aprendizagem, onde o conhecimento se dá pela experiência, pelo afeto e pela mediação sensível entre o saber escolar e o mundo. O teatro, nesse caso, tornou-se um lugar de escuta, descoberta e apropriação simbólica, no qual os estudantes puderam, por meio da arte, sentir-se pertencentes e protagonistas da própria formação.

Figura 2 – Instrumentos expostos no palco antes do início da apresentação da Orquestra



Fonte: A autora (2023).

A apresentação da Orquestra Soundpainting teve início, e logo foi possível perceber a singularidade de sua proposta performativa. A cada gesto realizado pelo regente, um grupo de instrumentos respondia musicalmente, iniciando ou transformando sua participação na composição sonora. A intensidade, o ritmo, a duração e a dinâmica das intervenções variavam de acordo com os sinais emitidos em tempo real, revelando uma linguagem de criação coletiva baseada na escuta atenta e na improvisação estruturada.

Os estudantes, atentos, acompanhavam com concentração cada movimento do regente e as respostas dos músicos, como se decifrassem, aos poucos, a lógica daquela “conversa” entre gestos e sons. A observação ativa das crianças demonstrava interesse genuíno, curiosidade e envolvimento estético, elementos essenciais no processo de formação da escuta sensível e da apreciação musical crítica. Mais do que apenas assistir, as crianças estavam imersas em uma experiência que combinava surpresa, descoberta e interpretação, permitindo que elas percebessem a música como um fenômeno vivo, coletivo e em constante transformação. Essa experiência contribuiu não apenas para ampliar o repertório sonoro, mas também para formar um olhar mais atento e reflexivo sobre o fazer musical, reforçando os vínculos entre arte, educação e sensibilidade (Correia, 2010).

Após a apresentação da Orquestra Soundpainting, o regente iniciou uma conversa com as crianças, explicando, de forma acessível e envolvente, o funcionamento dos instrumentos musicais utilizados na

performance. À medida que nomeava cada instrumento, os músicos executavam pequenos trechos sonoros, permitindo que as crianças relacionassem nome, som e imagem em uma experiência direta de escuta e observação. O regente também explicou a principal diferença entre uma orquestra tradicional e a proposta da Orquestra Soundpainting: enquanto na primeira os músicos seguem uma partitura fixa regida de forma previsível, na segunda, cada gesto do regente possui um significado específico, que orienta, em tempo real, as ações dos músicos. Essa informação despertou ainda mais a curiosidade da turma. Guilherme, intrigado, perguntou imediatamente: “Mas como os músicos sabem o que é pra fazer?”. O regente respondeu que os músicos conhecem previamente os gestos codificados do Soundpainting e, ao longo dos ensaios, memorizam as possíveis combinações gestuais do regente, relacionadas a ações como tocar rápido, devagar, alto, baixo, ou parar, por exemplo.

Ainda insatisfeito, Benjamim retomou o questionamento: “Mas como eles sabem os gestos? Você desenha pra eles?”. O regente explicou, com paciência, que existem códigos que representam cada gesto, e que, à medida que os músicos ensaiam, esses códigos são compreendidos e incorporados corporalmente, permitindo uma comunicação não verbal fluida durante a performance. Benjamim, então, concluiu com uma reflexão perspicaz: “Ah, então tem que combinar antes, né?”, ao que o regente respondeu com um sorriso: “Isso mesmo! É tudo combinado. O improviso acontece dentro do que a gente já conhece junto”. Esse momento de conversa revelou não apenas o interesse genuíno das crianças pela lógica da performance musical, mas também a importância do espaço de escuta e troca entre artistas e público (Chiaretti; Silva, 2021). A conversa foi, em si, um momento formativo, em que o saber foi construído coletivamente a partir das perguntas, dúvidas e inferências das próprias crianças – fortalecendo o vínculo entre educação, arte e participação ativa.

Encerrada a roda de conversa, os estudantes foram convidados a assumir um novo papel: o de protagonistas da criação musical, vivenciando a experiência de regência da Orquestra Soundpainting. A proposta era que cada criança pudesse utilizar os gestos já apresentados pelo regente durante a performance ou, se preferisse, criar seus próprios sinais, combinando previamente com os músicos o que cada movimento significaria.

Guilherme e Gabriela, entusiasmados, foram os primeiros a levantar as mãos e se voluntariar para conduzir a orquestra. Ao assumirem a posição de regentes, repetiram alguns dos gestos que haviam observado, mas também inventaram sinais próprios, explorando com liberdade, autoria e criatividade o

corpo como meio de comunicação sonora. Com atenção e sensibilidade, os músicos interpretaram os gestos das crianças, transformando seus movimentos em som, ritmo e melodia, respeitando os significados acordados previamente.

O momento foi marcado por intensidade emocional e encantamento coletivo. Ao retornar para seu lugar na plateia, Gabriela aproximou-se da professora-pesquisadora com o rosto iluminado e o corpo ainda vibrando de emoção. Com os olhos brilhando, confidenciou: “Quando me chamaram para reger aquela orquestra, eu estava me tremendo toda”. A frase, espontânea e sensível, expressava não apenas o nervosismo da experiência inédita, mas também a dimensão simbólica do gesto: uma criança ocupando o lugar do regente, sendo ouvida, vista e respeitada como condutora de sentidos.

Guilherme, por sua vez, virou-se para os colegas e exclamou com entusiasmo: “Que sensação incrível! Vocês têm que ir!”. Sua fala revela o impacto da vivência, reforçando o quanto experiências artísticas participativas ativam o corpo, despertam emoções e reafirmam a potência criadora das crianças quando lhes é dado espaço de protagonismo. Mais do que um momento lúdico, a atividade se constituiu como um exercício pedagógico, formativo e estético profundamente significativo, no qual as crianças puderam não apenas observar, mas atuar na construção do som e do sentido, experimentando a arte como linguagem de expressão, participação e transformação.

No retorno à escola, os estudantes conversavam animadamente entre si, relembrando detalhes da experiência vivida durante a visita ao Cine Arte UFF. A memória recente do espetáculo e da participação ativa na oficina ainda ressoava entre eles, revelando o impacto afetivo e formativo da vivência.

No dia seguinte, durante a roda de conversa, a professora-pesquisadora retomou o tema, perguntando às crianças o que haviam achado da apresentação e como se sentiram ao participar daquela atividade fora dos muros da escola. As respostas, genuínas e sensíveis, expressaram a profundidade da experiência. Helena compartilhou que sentiu “muita animação e alegria”, mostrando o entusiasmo que a ocasião despertou. Guilherme revelou: “Quando fui chamado para reger a orquestra, me senti importante”, evidenciando a dimensão simbólica de ocupar, mesmo que por instantes, um lugar de condução e escuta. Gabriela, por sua vez, interveio com uma reflexão mais subjetiva e potente: “Eu só me senti importante quando saí de lá, porque eu pude colocar pra fora o que eu sinto”. Sua fala evidencia o papel da música como meio de expressão emocional, fortalecendo a ideia de que a arte não apenas ensina, mas também permite existir e se reconhecer.

Arthur comentou que gostou da orquestra, mas confessou que “não conhecia todos os instrumentos, só a bateria”. A partir desse relato, a professora-pesquisadora aproveitou a oportunidade para estimular uma reflexão coletiva sobre os conhecimentos adquiridos, perguntando a cada criança quais instrumentos conheciam antes do concerto. As respostas foram registradas em uma tabela (Quadro 1) construída com a colaboração do grupo, permitindo uma sistematização dos saberes prévios e dos novos aprendizados. Essa atividade de retomada e registro colaborativo contribuiu não apenas para consolidar o conteúdo musical trabalhado, mas também para valorizar a escuta entre pares, a memória afetiva e o protagonismo infantil no processo de avaliação formativa da experiência vivida. Para complementar essa avaliação formativa, a professora-pesquisadora propôs à turma uma nova reflexão: quais instrumentos musicais cada criança já conhecia antes de assistir ao concerto. As respostas foram sendo compartilhadas oralmente, e, ao final, organizadas coletivamente em uma tabela, construída com a participação do grupo, como forma de sistematizar os saberes prévios e os conhecimentos ampliados durante a experiência:

Quadro 1 - Conhecimentos sobre instrumentos musicais

Instrumentos apresentados na Orquestra Soundpainting	Número de crianças que disseram ter visto o instrumento em outro momento	Número de crianças que disseram nunca terem visto o instrumento
Bateria	14	2
Guitarra	14	2
Violoncelo	0	16 (todas)
Harpa	0	16 (todas)
Violino	2	14
Trompete	1	15
Fagote	0	16 (todas)
Pandeiro	Todas	0

Fonte: 1º autora (2023).

Com base na tabela construída coletivamente com os estudantes após a vivência no Cine Arte UFF, é possível tecer reflexões sobre o repertório musical prévio das crianças e as desigualdades de acesso à cultura que permeiam o cotidiano escolar. Os dados revelam que instrumentos como bateria e guitarra foram amplamente reconhecidos pelos alunos – 14 dos 16 participantes afirmaram já tê-los visto anteriormente. Esses instrumentos, de uso mais recorrente na música popular e presentes em meios como

televisão, igrejas, festas e redes sociais, fazem parte do universo sonoro cotidiano de muitos estudantes, especialmente aqueles oriundos de contextos populares.

Por outro lado, instrumentos como violoncelo, harpa, fagote e trompete mostraram-se completamente desconhecidos para a maioria do grupo, o que evidencia um contato limitado com sonoridades e formatos musicais associados ao repertório da música de concerto ou da chamada “música erudita”. O violino, embora mais conhecido do que os anteriores, ainda apresentou baixo reconhecimento – apenas duas crianças afirmaram já tê-lo visto anteriormente. Esses dados, por si só, apontam para a importância de se ampliar o acesso das crianças à diversidade de manifestações culturais, promovendo experiências que extrapolam os repertórios restritos a que muitas vezes estão expostas em função de barreiras sociais, econômicas e territoriais.

A ida ao concerto da Orquestra Soundpainting representa não apenas um momento de fruição estética, mas também uma estratégia didático-pedagógica de ampliação do repertório cultural, de valorização da escuta e de construção de novos conhecimentos. O impacto dessa vivência se manifesta tanto nas falas espontâneas das crianças quanto na curiosidade despertada em relação aos instrumentos, aos sons e ao funcionamento da orquestra. A atividade também se articula diretamente aos princípios da pedagogia dos multiletramentos, ao promover uma experiência multimodal que conjuga imagem, som, gesto, silêncio e palavra, despertando o interesse e o envolvimento dos estudantes em um processo significativo de aprendizagem (Oliveira, 2025).

Ainda empolgado com a vivência, Benjamin perguntou à professora-pesquisadora se seria possível montar uma orquestra na própria sala de aula. A pergunta revelou não apenas o entusiasmo da criança, mas também um movimento de apropriação simbólica da experiência vivida: ele não queria apenas relembrar, mas recriar e ressignificar a orquestra a partir de sua realidade cotidiana. Diante da proposta, a professora-pesquisadora acolheu a sugestão e, incentivando o protagonismo do grupo, devolveu a pergunta a Benjamin: “E como você acha que poderíamos fazer os instrumentos?”. Antes mesmo que ele respondesse, Guilherme se antecipou, retomando aprendizagens anteriores e propondo: “A gente podia fazer orquestra com potes que iriam para o lixo. Como é mesmo o nome disso? No livro da reciclagem, a gente viu...”, referindo-se ao trabalho sobre meio ambiente desenvolvido nas semanas anteriores com base na leitura do livro de Rocha (2010). Imediatamente, Benjamin retomou o conceito: “Sucata! Vamos fazer uma orquestra de sucata? Vai ser irado!”.

Nesse momento, Luísa se aproximou e acrescentou uma observação importante: “Usar lixo economiza dinheiro e ajuda a natureza, principalmente se for lixo de plástico, porque demora muito tempo para se decompor na natureza”. A fala da estudante evidencia o cruzamento entre saberes escolares, consciência socioambiental e práticas criativas, demonstrando que as crianças são capazes de construir conexões significativas entre os temas discutidos e ações concretas no cotidiano.

Durante a conversa, Arthur trouxe uma reflexão significativa ao afirmar: “As músicas que as crianças ouvem combinam mais com chocalho e pandeiro do que com os instrumentos da orquestra”. Sua fala revela não apenas uma percepção estética pessoal, mas também uma leitura crítica sobre os vínculos entre repertório sonoro e identidade cultural. Ao escutar a colocação de Arthur, a professora-pesquisadora o incentivou a aprofundar seu pensamento, perguntando: “Quais são as músicas que as crianças costumam ouvir?”. Imediatamente, Arthur respondeu com espontaneidade: “Ah... pagode, de igreja, forró, funk”. À medida que ele ia mencionando os gêneros musicais, os colegas demonstravam concordância, sinalizando que esses ritmos fazem parte do universo sonoro cotidiano compartilhado pelo grupo.

Diante desse cenário, a proposta da “orquestra de sucata” ganhou novos contornos: não seria apenas uma reprodução da orquestra tradicional observada no concerto, mas uma recriação situada, ancorada nas vivências culturais das crianças e nas sonoridades que fazem parte de seus contextos de vida. A decisão coletiva foi a de construir instrumentos como chocalhos de diferentes tipos, tambores, reco-recos e pandeiros, utilizando materiais recicláveis como garrafas PET, latas de alumínio e tubos de papelão, a serem trazidos pelos próprios alunos na semana seguinte.

Na semana seguinte, a maioria dos estudantes compareceu à escola trazendo um ou mais materiais recicláveis, conforme combinado. Demonstrando espírito de colaboração e empatia, os alunos que trouxeram mais de um item prontamente compartilharam com os colegas que, por algum motivo, não conseguiram levar materiais de casa. Esse gesto reforçou não apenas a dimensão coletiva da atividade, mas também valores como solidariedade, cuidado mútuo e corresponsabilidade – pilares fundamentais da educação cidadã.

Para a realização da oficina, as mesas e cadeiras foram reorganizadas no espaço da sala de aula (Figura 3), de modo a favorecer a interação e a observação mútua entre os estudantes, estimulando o trabalho colaborativo e a troca de ideias durante o processo criativo. Além dos materiais recicláveis coletados, foram disponibilizados diversos recursos adicionais (fitas coloridas, papéis, tintas, colas e

tecidos) para que os alunos pudessem personalizar seus instrumentos, exercitando a imaginação, a criatividade e a expressão estética (Figura 4).

Figura 3 - Estudantes iniciando a construção de instrumentos musicais com materiais recicláveis



Fonte: 1º autora (2023).

Figura 4 - Estudantes decorando seus instrumentos feitos com sucata



Fonte: 1º autora (2023).

A construção dos instrumentos partiu do reconhecimento das propriedades sonoras e físicas de cada material. As latas de alumínio foram adaptadas como tambores, produzindo sons de percussão com

diferentes intensidades; as garrafas PET com ondulações transformaram-se em reco-recos, emitindo sons friccionados; os cilindros de papelão, potes de margarina e recipientes de iogurte foram preenchidos com grãos ou sementes, dando origem a uma variedade de chocalhos com timbres distintos; pedaços de papelão encapados com tampinhas de plástico fixadas foram utilizados como base para a criação de pandeiros artesanais.

Essa construção dos instrumentos musicais a partir de materiais recicláveis trouxe à tona debates importantes sobre sustentabilidade, consumo consciente e reaproveitamento de recursos, revelando o potencial da música como ponte para outros campos do conhecimento. Ao mesmo tempo, ao criarem seus próprios instrumentos, as crianças experimentaram relações materiais e sensoriais com o som, exercitando a imaginação, a coordenação motora, a escuta e a criatividade. Essa prática não só promoveu aprendizagens cognitivas e expressivas, mas também favoreceu o engajamento afetivo e o senso de pertencimento, uma vez que cada criança pôde reconhecer sua marca pessoal no instrumento que construiu e na sonoridade que ajudou a compor.

Após a conclusão da confecção dos instrumentos, a professora-pesquisadora propôs ao grupo que escolhessem, coletivamente, um nome para a orquestra que haviam criado. A proposta gerou entusiasmo e uma animada discussão entre os estudantes, que expressaram suas ideias com criatividade e senso de pertencimento. Após diversas sugestões e votação informal, dois nomes se destacaram: “Banda dos Recicláveis” e “Banda das Crianças Felizes”.

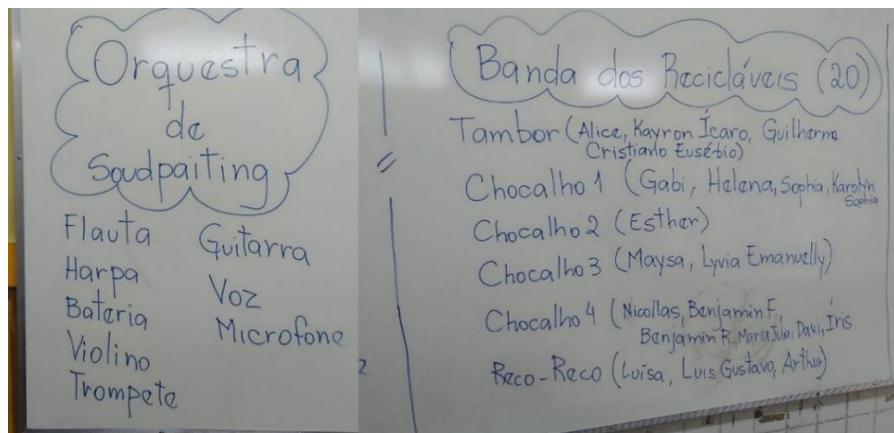
Curiosa com a escolha do termo “banda” em vez de “orquestra”, a professora-pesquisadora instigou o grupo, perguntando por que haviam optado por essa nomenclatura. As respostas foram reveladoras: “porque é mais legal”, disse um aluno, destacando o aspecto afetivo e lúdico associado ao termo. Outro completou: “porque é da nossa cultura”, evidenciando uma identificação com referências sonoras mais próximas do cotidiano da comunidade. Uma terceira criança justificou: “porque não tem violino”, enquanto outra acrescentou: “porque tem muito chocalho”. Essas falas revelam uma percepção multiletrada e refinada por parte dos estudantes sobre a diferença simbólica e sonora entre os dois conceitos – banda e orquestra – e demonstram que a escolha do nome não se deu ao acaso, mas refletiu uma apropriação ativa e crítica da experiência vivida. Além disso, esse momento reforça a importância de escutar as crianças e compreender suas escolhas como formas legítimas de expressão cultural, estética e identitária.

Em seguida, diante da existência de dois nomes finalistas, o grupo decidiu, em comum acordo com a professora-pesquisadora, realizar uma votação para escolher oficialmente o nome da banda. O momento foi conduzido com seriedade e envolvimento por parte dos estudantes, que compreenderam a importância de tomar decisões coletivas de forma respeitosa e participativa. Ao final da contagem dos votos, o nome “Banda dos Recicláveis” recebeu a maioria das escolhas. No entanto, Gabriela, que havia sugerido “Banda das Crianças Felizes”, demonstrou frustração e tristeza com o resultado. Sentindo-se contrariada, começou a chorar e a resistir à decisão do grupo, revelando seu vínculo afetivo com o nome que havia criado. Nesse momento, Guilherme se aproximou de forma espontânea e, tentando confortá-la, disse: “Você tem que aceitar, porque isso é democracia. Quem tem mais votos ganha, igual na eleição do Lula”. A fala do colega, embora simples, trouxe à tona uma referência concreta à vivência democrática recente do país, mostrando como as crianças são capazes de relacionar suas experiências escolares com acontecimentos da esfera pública e social.

A professora-pesquisadora acolheu Gabriela com escuta sensível e reafirmou, com cuidado, o princípio do respeito às decisões coletivas em uma sociedade democrática, validando o sentimento da estudante e, ao mesmo tempo, ajudando-a a compreender o processo. Gradualmente, Gabriela foi se acalmando, demonstrando sinais de que havia compreendido o funcionamento da votação e, sobretudo, sentindo-se respeitada em sua expressão emocional.

Realizamos no quadro da sala (Figura 5) o registro coletivo dos instrumentos observados na apresentação da Orquestra Soundpainting, contrastando-os com os instrumentos que comporiam a nossa Banda dos Recicláveis. Esse momento de sistematização foi fundamental para reforçar os aprendizados anteriores, consolidar o vocabulário musical e valorizar o conhecimento construído de forma colaborativa. Em seguida, organizamos a formação da banda, anotando o nome dos estudantes de acordo com os instrumentos que escolheram tocar. Essa distribuição foi feita a partir do interesse e da afinidade de cada criança com os instrumentos construídos, respeitando seus desejos e promovendo o protagonismo infantil no processo. A atividade, além de fortalecer a autonomia dos estudantes, também favoreceu a cooperação, a escuta entre pares e a negociação de escolhas – aspectos essenciais para o trabalho em grupo e para a vivência democrática no cotidiano escolar.

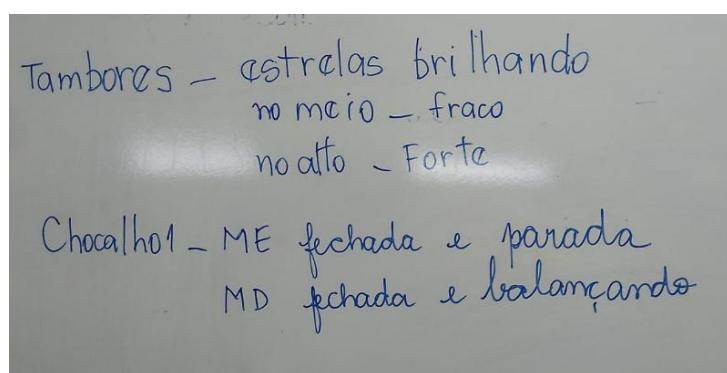
Figura 5 – Registro no quadro dos instrumentos observados na Orquestra Soundpainting e dos instrumentos criados para a Banda dos Recicláveis



Fonte: 1º autora (2023).

Inspirados na lógica da Orquestra Soundpainting, iniciamos com as crianças a criação de um sistema próprio de gestos para reger a Banda dos Recicláveis. A proposta consistia em atribuir significados a movimentos corporais específicos do regente, os quais deveriam ser compreendidos por todos os integrantes como comandos de início, pausa ou variação sonora. Cada estudante foi convidado a sugerir um gesto para o instrumento que confeccionou, e quando havia mais de uma proposta para o mesmo instrumento, a decisão era tomada por meio de votação. Ao final desse processo coletivo, os gestos escolhidos foram registrados no quadro (Figura 6), compondo uma espécie de “partitura visual” que norteou a experiência performática do grupo.

Figura 6 - Registro no quadro do início da criação dos gestos para reger a Banda dos Recicláveis



Fonte: 1º autora (2023).

No caso dos tambores, feitos com latas de alumínio, a combinação foi de que eles seriam tocados sempre que o regente realizasse movimentos com as mãos em formato de estrelas. A intensidade do som dependeria da altura das mãos: quando posicionadas ao centro do corpo, o som seria mais fraco; quando no alto, mais forte. As crianças rapidamente assimilaram essa convenção, o que permitiu introduzir noções musicais de dinâmica de maneira lúdica e sensível.

Os chocalhos, produzidos com diversos materiais recicláveis, foram classificados em quatro grupos, cada um com gestos próprios. Um dos chocalhos deveria ser tocado quando a mão direita do regente estivesse em movimento; a mão esquerda, ao se fechar, indicava que o som deveria cessar. Outro chocalho, construído com a ajuda da família de uma aluna – a partir de tampinhas de garrafa PET presas a um barbante, formando uma espécie de “cobra sonora” – seria ativado quando o regente esfregasse uma mão na outra, e parado quando ambas as mãos se fechassem. Um terceiro modelo de chocalho respondia ao movimento das mãos do regente balançando no alto, de um lado ao outro, e parava quando este ficasse em posição de estátua. Por fim, o quarto chocalho seria tocado ao sinal dos dedos todos balançando, com interrupção também indicada pelo fechamento simultâneo das mãos. Para o reco-reco, feito com garrafas PET de superfície ondulada, foi criado um gesto exclusivo: o regente deveria esfregar um dos braços, sinalizando o momento de execução do som; ao cessar o movimento, o som deveria parar.

Após a definição coletiva dos gestos, a professora-pesquisadora retomou com o grupo a experiência vivida na apresentação da Orquestra Soundpainting, reforçando um dos aspectos centrais daquela proposta: os movimentos do regente não surgem de forma improvisada ou aleatória, mas são previamente combinados e ensaiados com os músicos. A partir dessa lembrança, os estudantes foram convidados a assumir, de forma voluntária, o papel de regente da Banda dos Recicláveis, executando os gestos definidos para ativar e interromper os sons dos instrumentos criados.

Nos primeiros momentos, a atividade se revelou desafiadora. Muitos regentes esqueciam os gestos ou os confundiam, o que gerava dúvidas e pequenas interrupções na dinâmica da banda. No entanto, foi possível observar uma forte mobilização do grupo em torno do aprendizado coletivo: quando o regente se esquecia do gesto, os colegas daquele grupo instrumental prontamente sinalizavam ou verbalizavam dicas para ajudá-lo a lembrar. Essa atitude demonstrou não apenas o domínio dos códigos combinados, mas também um forte senso de cooperação e corresponsabilidade.

Houve, inclusive, momentos em que algumas crianças expressaram vontade de desistir da função de regente, alegando que era difícil lembrar os movimentos de todos os instrumentos ao mesmo tempo. Diante disso, a professora-pesquisadora incentivou a continuidade dos ensaios, explicando que a memória gestual e a coordenação se desenvolvem com a prática. Com os ensaios diários, o grupo foi ganhando confiança e fluidez, e em pouco tempo os estudantes demonstravam domínio das sequências e maior segurança na condução da banda.

As preferências individuais também começaram a emergir nesse processo. Kayron, Guilherme, Gabriela e Benjamin relataram gostar de estar à frente do grupo, exercendo a função de regentes, o que pode indicar traços de liderança, expressividade corporal ou prazer na coordenação coletiva. Por outro lado, Esther, Luísa, Íris e Arthur afirmaram que preferiam tocar os instrumentos, pois sentiam-se mais confortáveis nessa função e apreciavam o envolvimento direto com o som. Essas escolhas, longe de serem um problema, revelam a diversidade de perfis e formas de participação possíveis no ambiente musical escolar, respeitando as singularidades de cada criança e favorecendo o desenvolvimento de competências distintas, como a atenção, a escuta ativa, a improvisação e a colaboração.

A experiência vivida pela turma GR1C, ao longo da construção da “Banda dos Recicláveis” e de seus desdobramentos, evidencia de forma contundente como a escuta sensível dos educadores, aliada ao respeito pelas vozes e interesses das crianças, pode se transformar em motor de aprendizagens profundas, significativas e interdisciplinares. Ao partir de uma vivência estética – a visita à Orquestra Soundpainting – e seguir em direção à criação de um projeto próprio, o grupo foi capaz de reinterpretar, com criatividade e criticidade, os elementos da experiência musical vivida. A banda de sucata, nesse sentido, não foi uma simples atividade de arte ou reciclagem, mas uma síntese potente entre expressão cultural, consciência ambiental e protagonismo infantil, enraizada nos princípios dos multiletramentos.

Além disso, a criação colaborativa de códigos gestuais para reger a banda trouxe à tona aprendizagens corporais, musicais e sociais. Cada gesto foi negociado, testado e incorporado ao repertório coletivo, evidenciando uma prática de escuta ativa, cooperação e construção simbólica. A música, nesse caso, deixou de ser apenas conteúdo a ser aprendido para se tornar linguagem viva, compartilhada e relacional. Essa vivência reafirma o papel da escola como espaço de experimentação estética, de construção democrática e de fortalecimento da autoria infantil, onde educar é também criar, sentir e transformar.

Por fim, essa experiência da turma GR1C, tal como narrada, pode ser compreendida, à luz da análise de discurso foucaultiana, como um acontecimento que reorganiza práticas escolares, saberes legitimados e posições de sujeito dentro de uma rede de relações de poder e saber. Não se trata de interpretar as falas das crianças ou as ações pedagógicas como representações de uma essência interior, mas de compreender os enunciados que emergem como efeitos de determinadas formações discursivas, possíveis dentro de contextos históricos, sociais e institucionais específicos. Foucault (1987) nos convoca a deslocar o olhar da busca por uma verdade profunda para a análise das condições que tornam determinados discursos possíveis. Sob essa lente, podemos identificar na experiência do multiletramento musical – e, mais especificamente, na criação da “Banda dos Recicláveis” – o surgimento de novos modos de dizer, pensar e fazer na escola pública. Esses discursos, muitas vezes tidos como periféricos ou alternativos, são aqui instituídos como legítimos, revelando rupturas nas regularidades que historicamente organizaram o campo da educação formal.

Considerações finais

As narrativas dos alunos permitiram vislumbrar como a música, enquanto prática cultural e linguagem sensível, pode operar como dispositivo de subjetivação e deslocamento discursivo no cotidiano escolar. Essas narrativas apresentam a experiência do GR1C e o engajamento na construção coletiva de uma “Banda dos Recicláveis” em atividades de multiletramento musical. Essa prática não apenas revelou novos modos de dizer e fazer na escola, como também instituiu sujeitos pedagógicos capazes de produzir saberes, afetos e sentidos por meio da escuta, da criação e da performance musical. Sob a perspectiva foucaultiana, trata-se de uma reorganização das condições de possibilidade do discurso musical na escola pública, que desloca a música do lugar de complemento lúdico para o de linguagem estruturante da formação.

Ao propor que as crianças ocupassem o lugar do regente – figura historicamente associada ao domínio técnico e ao capital cultural hegemônico –, a experiência rompeu com regularidades discursivas que excluem os corpos infantis, populares e periféricos da cena da música de concerto. A narrativa de Gabriela, que intitula este artigo, expressa esse deslocamento subjetivo e simbólico: uma criança se vê e se faz ver como condutora de sentidos, reconfigurando as fronteiras entre saber legítimo e saber vivido.

Nesse gesto, emerge uma nova posição de sujeito – a criança regente –, cuja enunciação torna possível a emergência de discursos musicais outros, marcados pela sensibilidade, pela escuta e pela coletividade.

A construção da “Banda dos Recicláveis” a partir de instrumentos feitos com sucata revela, ainda, a potência de práticas artísticas como formas de resistência aos dispositivos de normalização escolar. Ao criar seus próprios instrumentos e gestos de regência, os estudantes não apenas performaram uma prática musical alternativa, mas instituíram novos regimes de verdade sobre o que é música, quem pode fazê-la e com quais recursos. A escolha da palavra “banda” – em detrimento de “orquestra” – constitui um enunciado político que evidencia o alinhamento simbólico dos estudantes com repertórios culturais populares e acessíveis, confrontando as hierarquias estéticas historicamente instituídas no campo musical escolar.

As atividades de musicalização relatadas se constituem como acontecimento discursivo que redesenha as formas de ensinar, aprender e ser na escola. Ao produzir enunciados que desafiam a lógica da fragmentação curricular, da autoridade unidirecional e da exclusão estética, a experiência vivida pela turma nessas atividades inscreve-se como prática de resistência e como invenção de novos modos de escolarizar, baseados na sensibilidade, na autoria e na multiplicidade de linguagens. Nesse contexto, a música deixa de ser conteúdo para se tornar prática de liberdade, marcando o compasso de uma educação que escuta, que afeta e que transforma.

Para concluir, destacamos que os projetos desenvolvidos com as crianças mostraram que a educação musical, quando articulada aos princípios da pedagogia dos multiletramentos, pode assumir um papel central na formação de sujeitos mais sensíveis, críticos, criativos e participativos. A partir da escuta das crianças e do reconhecimento de seus saberes, foi possível construir uma trajetória pedagógica que envolveu diferentes linguagens, integrou áreas do conhecimento, promoveu consciência ambiental e fortaleceu laços afetivos e culturais. Assim, a experiência da “Banda dos Recicláveis” não apenas ampliou o repertório musical das crianças, mas também cultivou valores como solidariedade, respeito, participação e pertencimento.

Referências

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2025.

CARVALHO, F.; PIMENTEL, M. Desculpa a interrupção, professor, eu nem sei se eu poderia te interromper: quais os sentidos da conversação em aula? **Revista Periferia**, v. 14, n. 3, p. 127–148, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/70850>. Acesso em: 28 nov. 2025.

CHIARETTI, M.; SILVA, H. L. Entre mundos sonoros: modos de escuta e aprendizagem da música. In: Anais do IV Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical. [S. I.]: ABEM, [s. d.]. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/958/public/958-4535-1-PB.pdf. Acesso em: 27 jul. 2025.

CORREIA, M. A. A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação. **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 127–145, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/ngTrtSZF7t8CxbZFqFMmwP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2025.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197–223, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvTzgg9t/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 jan. 2025.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

OLIVEIRA, L. S. S. **Multiletramentos no processo de alfabetização**: uso das tecnologias no 1º ano do ensino fundamental. Mestrado em Educação - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2025.

OLIVEIRA, L. S. S.; CARVALHO, F. Multiletramentos no Ensino Fundamental: **Revista Educação em Análise**, Londrina, v. 9, n. 3, p. 739–763, 2024. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/49729>. Acesso em: 14 ago. 2025.

PIMENTEL, M.; CARVALHO, F. **IA generativa e educação**: práticas e teorizações. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação – SBC, 2025. Disponível em: <https://books-sol.sbc.org.br/index.php/sbc/catalog/view/182/812/1608>. Acesso em: 06 dez. 2025.

ROCHA, N. **Os 3 erros**: reutilizar, reduzir, reciclar. São Paulo: Escala Educacional, 2010.

VICENTINI, L.; ZANARDI, J. K. Entrevista com Roxane Rojo, professora do Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 329–339, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/35118/24830>. Acesso em: 4 jul. 2024.

Licença Creative Commons – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CCBY-NC4.0)

Como citar este artigo:

OLIVEIRA, L. S. S.; CARVALHO, F. QUANDO ME CHAMARAM PARA REGER AQUELA ORQUESTRA, EU ESTAVA ME TREMENDO TODA": MULTILETRAMENTO MUSICAL NO 1 ° ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 22, 2025. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/x>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Financiamento: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

Contribuições individuais: Conceituação, Metodologia, Curadoria dos Dados, Investigação e Escrita – Primeira Redação: Luciana da Silva Santos Oliveira. Conceituação, Metodologia, Curadoria dos Dados, Investigação e Escrita: Felipe Carvalho.

Declaração de uso de Inteligência Artificial: Durante a preparação deste trabalho, os autores utilizaram o ChatGPT para versionar o título, as palavras-chave e o resumo para o inglês e o espanhol.

Revisores: Manna Maia

Sobre os autores:

Luciana da Silva Santos Oliveira é mestra em Educação pela Universidade Estácio de Sá. É Professora dos Anos iniciais do Ensino Fundamental I e Pedagoga da Rede Municipal de Niterói/RJ. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Magistério, Orientação Educacional, Supervisão e Planejamento.

Felipe Carvalho está como professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (PPGE/UNESA) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde (PPGECS/AFYA-UNIGRANRIO). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Educação e Cibercultura (GPEC/CNPq). É Jovem Cientista do Nossa Estado/FAPERJ.

Recebido em 30 de novembro de 2025
Versão corrigida recebida em 10 de dezembro de 2025
Aprovado em 12 de dezembro de 2025